

Nem o secretário confia

SILVIA MAIOLINO

“O período escolar dos meus filhos corresponde exatamente à época de baixa qualidade do ensino da escola pública, infelizmente”, afirmou Chopin Tavares de Lima, secretário da Educação de São Paulo. Ele é professor e fez o primário, o antigo ginasial e o curso normal em escolas públicas de Itapetininga, mas optou por matricular seus cinco filhos em escolas particulares.

Como o secretário, muitos pais fizeram esta opção. Na época em que eles estudaram, só os piores alunos frequentavam os estabelecimentos particulares e, quando se falava em qualidade do ensino, o referencial era as escolas públicas, apesar de hoje existirem críticas em relação ao autoritarismo de professores e diretores daquela período.

O professor e físico José Goldemberg, reitor da Universidade de São Paulo, também passou por escolas públicas, em Porto Alegre, antes de estudar na USP. “Minha formação básica é resultado do ensino que tive lá. Oxalá ainda existissem colégios como aqueles. Mas escolhi a escola privada para meus filhos e digo isto com tristeza.” Goldemberg tem três filhos e afirmou que fez a opção, pois, caso contrário, “eles não poderiam competir, com sucesso, para a entrada na universidade”. Para o reitor, a educação adequada só é oferecida, hoje, pelas escolas particulares.

E os dados sobre os vestibulares da própria USP comprovam a teoria: dos 6.412 alunos aprovados este ano, 3.979 estudaram na rede particular, o que representa 59,1% do total. Por outro lado, 1.785 aprovados (28,5%) estudaram em escolas públicas e o

restante frequentou as duas. “Enquanto os alunos das escolas particulares vão para as universidades públicas, as universidades privadas recebem muito mais alunos da rede oficial que têm dificuldades para pagar os cursos”, completou o professor Luiz Eduardo Wanderley, reitor da PUC de São Paulo.

O secretário da Educação, ao definir sua proposta de atuação, acaba justificando a atitude dos pais que escolheram a rede privada: “Não pretendo que a escola pública trabalhe para a elite. Eu insisto em dizer que seu objetivo é fornecer conhecimentos básicos para que a criança possa exercer a cidadania. Não pensamos no vestibular como prioridade, mas isto não quer dizer que os jovens não possam chegar lá. Alguns conseguem dar alguns passos a mais”.

José Goldemberg lamenta que o professor não tenha mais o status que tinha há alguns anos, quando “era visto como pessoa importante”. Para ele, é necessário, além da transferência de recursos, uma política educacional. “A educação é importante do ponto de vista eleitoral. Os cargos são ocupados por políticos que têm finalidades específicas. A quanto tempo o Ministério da Educação não é ocupado por um educador? Por melhores que sejam os políticos, eles não são do ramo.”

O presidente da Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo, João Antônio Felício, também estudou na escola pública. Ele tem dois filhos pequenos, de dois e cinco anos, e já decidiu: “Vou colocá-los em escolas públicas, pois os professores não têm dinheiro para pagar as particulares”.